



Histerectomia: Uma análise abrangente sob a ótica cirúrgica

Tasla Vieira Soares ¹, Juliana Rodrigues Lassala ², Júlia Letycia Gomes Alencar ³, Gabrielle Rosado Costa ⁴, Ingrid Albuquerque Egito ⁵, Ana Carolaine de Souza Lima ⁶, Sarah Maria Puccini Venturin Duarte ⁷, Maria Clara Guimarães Figueiredo Cavalcante ⁸, Lucas Marques Volponi ⁹, Maria Vitória Sabino Hupp ¹⁰

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

A histerectomia, procedimento cirúrgico para retirada do útero, é amplamente realizada globalmente, indicada para condições como fibromas, endometriose severa, prolapso e câncer ginecológico. Este artigo visa analisar as técnicas cirúrgicas modernas, suas indicações e desafios, com ênfase em inovações tecnológicas. Utilizou-se a revisão da literatura como metodologia principal, explorando bases de dados como PubMed, MedlinePlus, SciELO e Google Acadêmico. Os artigos selecionados abordaram técnicas cirúrgicas e resultados pós-operatórios de pessoas submetidas à histerectomia. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e exploratória para coletar e analisar dados relevantes. As técnicas cirúrgicas variam amplamente, com escolhas influenciadas por condições clínicas e preferências pessoais. As técnicas mais comuns são a histerectomia abdominal, vaginal e laparoscópica. Os resultados apontam que técnicas menos invasivas, como a laparoscópica, tendem a reduzir a perda sanguínea, complicações pós-operatórias e acelerar a recuperação. Além dos impactos físicos, a cirurgia afeta significativamente o bem-estar psicológico e social das mulheres, com muitas reportando melhorias em sua qualidade de vida e função sexual após o procedimento. A histerectomia é uma intervenção que vai além da remoção de um órgão, envolvendo considerações clínicas complexas e impactos significativos na vida das pacientes. A evolução das técnicas cirúrgicas e a escolha cuidadosa dos profissionais são cruciais para o sucesso do procedimento. A comunicação efetiva entre médico e paciente é crucial para alinhar expectativas e preparar a paciente para uma recuperação satisfatória. Continuar a pesquisa e o aprimoramento das técnicas cirúrgicas é essencial para avançar no cuidado das mulheres submetidas à histerectomia.

Palavras-chave: Ginecologia; Histerectomia; Técnicas Cirúrgicas; Resultados Pós-Operatórios.

Hysterectomy: An analysis covering a surgical perspective

ABSTRACT

Hysterectomy, a surgical procedure to remove the uterus, is widely performed globally, indicated for conditions such as fibroids, severe endometriosis, prolapses and gynecological cancer. This article aims to analyze modern surgical techniques, their indications and challenges, with an emphasis on technological innovations that promote a more effective recovery and better quality of life for patients. A literature review was used as the main methodology, exploring databases such as PubMed, MedlinePlus, SciELO and Google Scholar. The selected articles addressed surgical techniques and postoperative results of patients undergoing hysterectomy. The research adopted a qualitative and exploratory approach to collect and analyze relevant data. Surgical techniques vary widely, with choices influenced by clinical conditions and personal preferences. The most common techniques are abdominal, vaginal and laparoscopic hysterectomy. The results indicate that less invasive techniques, such as laparoscopic, tend to reduce blood loss, postoperative complications and accelerate recovery. In addition to the physical impacts, the surgery significantly affects women's psychological and social well-being, with many reporting improvements in their quality of life and sexual function following the procedure. Hysterectomy is an intervention that goes beyond the removal of an organ, involving complex clinical considerations and significant impacts on patients' lives. The evolution of surgical techniques and the careful choice of professionals are crucial to the success of the procedure. Effective communication between doctor and patient is essential to align expectations and prepare the patient for a satisfactory recovery. Continuing research and improving surgical practices is essential to advance the care and quality of life of women undergoing hysterectomy.

Keywords: Gynecology; Hysterectomy; Surgical Techniques; Postoperative Results.

Instituição afiliada – 1 - Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte - Estácio IDOMED; 2 - Universidade do Grande Rio; 3 - Afya ITPAC/ Palmas; 4 - Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos - Araguaína; 5 - HRC; 6 - Universidade Nilton Lins; 7 - Afya Faculdade De Ciências Médicas De Ipatinga; 8 - Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos; 9 - UNEMAT

Dados da publicação: Artigo recebido em 14 de Julho e publicado em 04 de Setembro de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n9p1551-1561>

Autor correspondente: Tasla Vieira Soares tasla@hotmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A histerectomia, que envolve a remoção cirúrgica do útero, é um dos procedimentos ginecológicos mais realizados em todo o mundo. Essa cirurgia pode ser indicada em diversas situações clínicas, como fibromas uterinos, endometriose severa, prolapso uterino, e câncer ginecológico. A natureza e a extensão da cirurgia podem variar, dependendo da condição específica da paciente e da presença de outras patologias no sistema reprodutivo. Essa intervenção cirúrgica é, portanto, um tema de grande importância na prática médica, especialmente na ginecologia (SILVA et al., 2010).

Refere à prevalência, estudos indicam que a histerectomia é mais comum em mulheres entre 40 e 50 anos, tanto no contexto mundial quanto no Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que cerca de 300 mil histerectomias sejam realizadas anualmente no Brasil (WANDERLEY et al., 2021). Esses números refletem não apenas a frequência da cirurgia, mas também a relevância de se discutir e entender suas indicações e impactos na saúde feminina.

Os fatores de risco para a realização de uma histerectomia incluem uma ampla gama de condições ginecológicas e obstétricas. Entre esses fatores, destacam-se a idade avançada, paridade elevada (número de partos), obesidade e histórico familiar de doenças ginecológicas (ARAÚJO & AQUINO, 2003). Além disso, condições socioeconômicas e o acesso limitado a tratamentos conservadores podem também modificar a decisão pela cirurgia, o que ressalta a complexidade do manejo dessas pacientes (PIOTTO et al., 2022).

Essa patologia é frequentemente associada a outras comorbidades que podem complicar tanto o procedimento cirúrgico quanto a recuperação da paciente. Por exemplo, mulheres com obesidade ou diabetes têm maiores chances de complicações no pós-operatório (FREITAS et al., 2016). Nesse sentido, a extração do útero pode ter implicações psicológicas e físicas, como alterações hormonais que afetam outras condições, como a osteoporose. A inter-relação entre essas comorbidades necessita de uma abordagem multidisciplinar para garantir a melhor recuperação possível (CRISTINA et al., 2017).

O objetivo deste artigo é realizar uma análise abrangente sobre a histerectomia, focando nas técnicas cirúrgicas modernas, suas indicações, e os desafios enfrentados

pelos profissionais de saúde no manejo dessas pacientes. Será dada especial atenção às inovações tecnológicas na área cirúrgica, como a histerectomia minimamente invasiva, e seus benefícios comparativos com relação à recuperação e os resultados clínicos. Através deste estudo, busca-se contribuir para o aprimoramento das práticas cirúrgicas e para a melhoria contínua da qualidade de vida das mulheres que possuem essa enfermidade.

METODOLOGIA

Neste estudo, adotou-se a revisão da literatura como principal metodologia para fornecer uma análise abrangente e detalhada sobre as técnicas cirúrgicas e os desfechos clínicos de pacientes submetidas à histerectomia. A pesquisa seguiu uma abordagem básica, qualitativa e exploratória, com a coleta de dados provenientes de bases de dados renomadas, incluindo PubMed, MedlinePlus, SciELO e Google Acadêmico. Os descritores do DeCS utilizados para a busca foram "Histerectomia", "Técnicas Cirúrgicas", "Resultados Pós-Operatórios" e "Ginecologia", juntamente com os operadores booleanos AND e OR para facilitar a intersecção e combinação eficaz dos termos.

Neste estudo foram incluídos artigos, monografias, dissertações e teses publicados em português ou inglês, disponíveis integralmente nas bases citadas, e que focassem especificamente nas técnicas cirúrgicas e nos desfechos clínicos das pacientes submetidas à histerectomia. Foram excluídos trabalhos que não se enquadravam nos formatos especificados, estivessem em outros idiomas, ou que não estivessem disponíveis na íntegra nas bases de dados mencionadas.

Esta metodologia permitiu uma seleção inicial de trabalhos científicos relevantes e de alta qualidade, assegurando a relevância dos estudos incluídos para uma análise detalhada. A estratégia de seleção foi cuidadosamente planejada para incluir estudos significativos e robustos, essenciais para entender as técnicas cirúrgicas empregadas e avaliar os resultados pós-operatórios em pacientes submetidos à histerectomia. Essa abordagem não só contribui para o conhecimento atual sobre o procedimento, como também fornece uma base sólida para futuras pesquisas e para o desenvolvimento de diretrizes clínicas voltadas para a melhoria da prática cirúrgica em ginecologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A histerectomia, uma cirurgia de grande impacto na vida de muitas mulheres, pode ser realizada através de diversas técnicas. Cada técnica é cuidadosamente escolhida considerando uma série de fatores, como a saúde geral da paciente, suas experiências cirúrgicas anteriores, preferências pessoais, competências do cirurgião e os recursos disponíveis no local onde será feita a cirurgia. Silva et al. (2010) detalham que as abordagens mais comuns incluem a histerectomia abdominal, que é feita por meio de uma incisão na parte inferior do abdômen; a histerectomia vaginal, realizada através da vagina; e a histerectomia laparoscópica, que envolve pequenas incisões no abdômen.

A decisão entre realizar uma histerectomia total ou subtotal também é influenciada por diversos fatores clínicos. A histerectomia total envolve a remoção completa do útero, enquanto a subtotal preserva o colo do útero. Da Costa (2016) ressalta que há variações na preservação de estruturas anatômicas essenciais, como a fâscia pubovesicocervical, importante para a funcionalidade de órgãos próximos, como a bexiga. Além disso, a histerectomia radical, que é uma forma mais extensa de histerectomia, pode incluir a remoção de outras estruturas e é frequentemente acompanhada de ooforectomia (remoção dos ovários) e salpingectomia (remoção das trompas de Falópio), como reforçam Valladão et al. (2024). Essa abordagem é geralmente escolhida em situações mais complexas, visando um tratamento mais abrangente.

Freitas et al. (2016) alertam que os riscos associados às técnicas cirúrgicas utilizadas em histerectomias não são insignificantes, destacando possíveis lesões do trato urinário e a necessidade de transfusões sanguíneas decorrentes de hemorragias, além de outras complicações. Em contrapartida, estudos, como os descritos por Dos Santos Adorno et al. (2019), indicam que métodos menos invasivos, como a histerectomia laparoscópica, geralmente resultam em menor perda sanguínea e reduzem as taxas de complicações pós-operatórias, além de proporcionarem uma recuperação mais rápida em comparação com as técnicas abertas. Além dos aspectos físicos, a histerectomia também influencia significativamente a esfera psicológica e social da mulher, afetando sua qualidade de vida e função sexual pós-operatória. Moraes et al. (2009) discutem como essas mudanças podem ser profundas. Rocha e

Cardoso (2017) acrescentam que muitas mulheres reportam melhorias significativas nessas áreas após a cirurgia, contrariando antigos mitos sobre os efeitos negativos do procedimento. Essas observações sugerem que a experiência pós-cirúrgica muitas vezes conduz a uma percepção mais positiva das próprias capacidades e possibilidades da mulher.

Schmidt e colaboradores (2019) ressaltam a necessidade de selecionar métodos operatórios para histerectomias com base em uma visão global e meticulosa, levando em conta os efeitos na vida das pacientes além dos benefícios estéticos e de saúde. Borges e sua equipe (2010) argumentam que exames urodinâmicos são fundamentais para obter dados essenciais que auxiliam na escolha do procedimento adequado, particularmente em situações que apresentam problemas como disfunção urinária ou incontinência. Tal estratégia abrangente e adaptada assegura o sucesso do tratamento cirúrgico e favorece um período de recuperação mais benéfico, ajustando o cuidado médico ao perfil e às expectativas de cada mulher.

Adicionalmente, Freitas et al. (2016) destacam que, além dos aspectos técnicos e das possíveis complicações, a escolha do tipo de anestesia é um componente crucial no planejamento da histerectomia. Da Conceição Sena Filho et al. (2024) apontam que a anestesia geral é frequentemente utilizada em procedimentos abdominais e laparoscópicos, enquanto a anestesia regional, como a raquidiana ou peridural, pode ser preferível para histerectomias realizadas via vaginal. A seleção entre essas opções depende do estado de saúde da paciente, da duração prevista para a cirurgia e das preferências do anestesista e do cirurgião. Ribeiro et al. (2024) adicionam que um manejo adequado da dor e a minimização do desconforto pós-operatório são fundamentais para uma recuperação rápida e uma redução no tempo de internação hospitalar.

Ronchi et al. (2023) ressaltam as inovações trazidas pela evolução das técnicas cirúrgicas, particularmente a histerectomia assistida por robótica. Esta abordagem, mais avançada do que as técnicas convencionais, oferece maior precisão e flexibilidade. A técnica robótica permite uma visualização tridimensional ampliada e destreza superior nos movimentos cirúrgicos, características especialmente vantajosas em casos complexos que requerem dissecação precisa, ou em pacientes obesas, nas quais o espaço

operatório é restrito. Gomes et al. (2017) observam que, apesar do alto custo e da limitada disponibilidade do equipamento, a histerectomia robótica tem mostrado redução nas taxas de complicações e proporciona uma recuperação mais confortável para a paciente. Complementando, De Jesus et al. (2024) destacam que a experiência e habilidade do cirurgião são cruciais para o sucesso da histerectomia. Cirurgiões que realizam um grande número de procedimentos geralmente apresentam melhores resultados e menores taxas de complicações. De Moraes et al. (2024) complementam essa visão, enfatizando a importância de uma seleção criteriosa do cirurgião pelas pacientes e suas famílias. Eles defendem que o treinamento especializado, seja em técnicas tradicionais, laparoscópicas ou robóticas, é essencial para garantir que o cirurgião possa eficientemente manejar as complexidades anatômicas e lidar com quaisquer imprevistos que surjam durante a operação.

Sampaio et al. (2018) destacam a importância de um planejamento pré-operatório abrangente, que inclui uma avaliação minuciosa da paciente, estendendo-se além das questões puramente físicas. Esse planejamento deve abordar as expectativas pós-cirúrgicas, as possíveis mudanças na qualidade de vida e as potenciais complicações, elementos fundamentais no processo de consentimento informado.

Barbosa et al. (2018) e Süerdem & Dikmen et al. (2023) ressaltam a necessidade de uma comunicação clara e aberta entre o cirurgião e a paciente. Este diálogo é crucial para alinhar expectativas e preparar adequadamente a paciente para o processo de recuperação. Discussões sobre o tempo esperado de recuperação, os cuidados pós-operatórios necessários e as implicações a longo prazo da remoção do útero na saúde hormonal e física da paciente são aspectos essenciais dessa comunicação, garantindo que a paciente esteja bem informada e psicologicamente pronta para enfrentar os desafios do período pós-operatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a histerectomia, uma intervenção cirúrgica de significativo impacto na vida das mulheres, continua a evoluir com a introdução de técnicas cada vez mais avançadas e especializadas. Esta revisão abrangente da literatura demonstra que a escolha da técnica cirúrgica deve ser meticulosamente personalizada para cada



paciente, levando em consideração não apenas a complexidade médica do caso, mas também as preferências individuais e os impactos potenciais na qualidade de vida e bem-estar psicossocial da paciente.

A emergência da histerectomia assistida por robótica, como destacado por Ronchi et al. (2023), oferece uma precisão e flexibilidade notáveis, embora seja limitada por questões de custo e disponibilidade de equipamentos. Além disso, a escolha do cirurgião, como apontam De Jesus et al. (2024) e De Moraes et al. (2024), é crucial, uma vez que a experiência e a habilidade do profissional têm um impacto direto nos resultados e na segurança do procedimento.

As evidências também reforçam a necessidade de um planejamento pré-operatório cuidadoso e de uma comunicação eficaz entre médico e paciente, como mencionado por Sampaio et al. (2018) e Barbosa et al. (2018). Essas práticas não apenas melhoram os resultados clínicos, mas também asseguram que as pacientes estejam bem informadas e preparadas para o processo de recuperação, alinhando expectativas e melhorando a adesão ao tratamento.

Portanto, a histerectomia não é apenas uma questão técnica de remover um órgão; é uma decisão profundamente pessoal e transformadora que requer consideração de múltiplos fatores para otimizar tanto a eficácia clínica quanto a satisfação da paciente. A continuidade da pesquisa e o aprimoramento das técnicas cirúrgicas são essenciais para avançar na prática médica e no cuidado ao paciente, promovendo uma recuperação mais rápida, segura e confortável.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thália V. Barreto de; AQUINO, Estela ML. Fatores de risco para histerectomia em mulheres brasileiras. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. suppl 2, p. S407-S417, 2003.

BARBOSA, Anna Raquel Dos Santos; DOS SANTOS, Adriana Nazário; RODRIGUES, Tatyane Silva. Experiência de mulheres que realizaram histerectomia: revisão integrativa. **Revista Uningá**, v. 55, n. 2, p. 227-241, 2018.

BORGES, João Bosco Ramos et al. Correlação entre o estudo urodinâmico, a anamnese e os achados clínicos na abordagem de mulheres com incontinência urinária. **einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 437-443, 2010.



CRISTINA, Bruna et al. Perfil de Mulheres Submetidas a Histerectomia e Influenciada de Ambulação na Alta Hospitalar. **Revista Pleiade**, v. 11, n. 21, p. 17-24, 2017.

DA CONCEIÇÃO SENA FILHO, Carlos Augusto et al. Técnicas Cirúrgicas e Anestésicas na Histerectomia. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 4, p. 1331-1346, 2024.

DA COSTA, Joana Raquel Correia Carvalho. Tipos e vias de abordagem cirúrgica da histerectomia e sua relação com lesão do sistema urinário. 2016.

DE JESUS, Vinicius Klehm et al. Histerectomia na Cirurgia Geral: Importância, Desafios e Estratégias de Prevenção de Complicações. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 3, p. 1353-1365, 2024.

DE MORAIS, Gustavo Holanda Lins et al. Abordagens cirúrgicas da histerectomia: uma revisão bibliográfica de técnicas e complicações. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 3, p. e69713-e69713, 2024.

DOS SANTOS ADORNO, Stéfano et al. Vantagens da histerectomia vaginal comparado à histerectomia abdominal em mulheres sem prolapso genital. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 17, p. e97-e97, 2019.

FREITAS, Caroline Brito et al. Complicações pós-cirúrgicas da histerectomia: revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 30, n. 2, 2016.

GOMES, Mariano Tamara Vieira et al. Experiência inicial com histerectomia robótica por portal único. **einstein (São Paulo)**, v. 15, p. 476-480, 2017.

MORAES, ANA PAULA et al. A influência da cirurgia de histerectomia na vida psíquica da mulher. **Revista Uningá**, v. 19, n. 1, 2009.

PIOTTO, Ketlin Lorena et al. Epidemiologia e fatores associados à histerectomia em um grupo de mulheres. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e14911729746-e14911729746, 2022.

RIBEIRO, Pedro Henrique de Oliveira Langoni et al. Avanços e estratégias atuais no manejo da dor pós-operatória: da farmacoterapia à abordagem multidisciplinar. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 5, p. 824-837, 2024.



ROCHA, Rita Martins Godoy; CARDOSO, Cármen Lúcia. THE EXPERIENCE PHENOMENOLOGICAL AND THE GROUP WORK AT MENTAL HEALTH. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

RONCHI, Luiza Maria Milanez et al. Avanços e desafios em cirurgia geral minimamente invasiva: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 4, p. 16615-16632, 2023.

SAMPAIO, Flávio Antônio et al. Impacto da visita pré-operatória de enfermagem para pacientes submetidos à cirurgia eletiva. 2018.

SCHMIDT, Alessandra et al. Experiências de mulheres histerectomizadas acerca da sexualidade. **Escola Anna Nery**, v. 23, p. e20190065, 2019.

SILVA, Carolina de Mendonça Coutinho; SANTOS, Inês Maria Meneses dos; VARGENS, Octavio Muniz da Costa. A repercussão da histerectomia na vida de mulheres em idade reprodutiva. **Escola Anna Nery**, v. 14, p. 76-82, 2010.

SÜERDEM, Bilkay; DIKMEN, Burcu Totur. Dependência de cuidados pré-operatórios e qualidade de recuperação pós-operatória de pacientes cirúrgicos. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 37, p. eAPE01721, 2023.

VALLADÃO, Victor da Costa Sacksida et al. HISTERECTOMIA TOTAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 5, p. 3021-3029, 2024.

WANDERLEY, Georgianna Silva et al. Perfil epidemiológico dos casos de histerectomia em um Hospital Universitário Terciário. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 54, n. 1, p. e174293-e174293, 2021.